

REFLUXOS EPISTEMOLÓGICOS E FILOSÓFICOS NA CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO PECHEXTIANA

EPISTEMOLOGICAL AND PHILOSOPHICAL REFLUXES IN THE CONSTITUTION OF THE PECHEXTIAN DISCOURSE ANALYSIS

Welisson Marques¹
Doris Day Rodrigues Marques²

RESUMO: Este artigo propõe apresentar influxos de bases epistemológica e filosófica constitutivas da Análise do Discurso de linha francesa (AD), pautando-se no constructo teórico erigido por Michel Pêcheux. A metodologia deste trabalho é de base teórico-reflexiva. Para ele, a interpelação cultural e sociohistórica do sujeito são determinantes na constituição dos sentidos e se imbricam ao materialismo histórico de base marxista, via Althusser; bem como à Psicanálise lacaniana e, também, à Linguística saussuriana. Seus escritos também sofreram interpelação de Michel Foucault, especialmente na dita “terceira época” da AD. Portanto, entre as duas correntes filosóficas que atravessam as ciências há séculos, a saber, a formalista-logicista e a racionalista-idealista, percebe-se que a AD pecheuxtiana tem estreita ligação com esta última.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Pecheuxtiana; bases filosóficas; Marxismo; Foucault.

ABSTRACT: This article aims at verifying influences of epistemological and philosophical basis constitutive of the French Discourse Analysis (DA), more specifically that one based on the studies of Michel Pêcheux. The methodology of this paper is of reflexive and theoretical basis. For him, the social class, the socio-historic and cultural interpellation of the subject are determining of meanings and are linked with the Marxist historical materialism, via Althusser, as well as with the lacanian Psychoanalysis and with the saussurian Linguistics. His writings also influences by Michel Foucault, especially during the so-called “third phase” of the DA. Thus, between the two philosophical lines which cross science for centuries, that is, the formalist-logicist and the rationalist-idealism, the Discourse Analysis has a strong connection with this last one.

KEYWORDS: Pecheuxtian Discourse Analysis; Philosophical bases; Marxism; Foucault.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

E digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996, p. 38)

¹ Pós-doutorando em Análise do Discurso pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: welissonmarques@iftm.edu.br

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Especialista em Educação (Psicopedagogia) pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: dorisdayrodrigues@yahoo.com.br

Na instauração da Análise do Discurso Pêcheux ([1975] 1988) não se contenta com o fato de os significados dos textos serem concebidos a partir de uma concepção puramente formalista (estruturalista) e demonstra insatisfação diante da prática semântica de sua época, a qual incorpora concepções da lógica e ignora, nesse exercício, diversos fenômenos envolvidos na enunciação. Como resultado ocorre uma tentativa de homogeneização dos sentidos, a qual gera inquietações no filósofo. É a partir dessas questões que podemos verificar algumas bases filosóficas e epistemológicas constitutivas da Análise do Discurso e sobre as quais discorreremos nesta reflexão.

Em outros termos, na fundamentação da AD, Pêcheux recorre à história (a Marx via Althusser), à Psicanálise (a Freud via Lacan), bem como à teoria linguística (saussuriana). Ademais, em seu gesto fundador, Pêcheux se pauta em Adam Schaff, semanticista polonês que também adota a noção de ideologia marxista. No entanto, no desenrolar de suas reflexões, ao longo dos anos 1970 e início dos anos 1980, Pêcheux rompe radicalmente com sua proposta inicial de análise automática de discursos datada de 1969. Para isso, as reflexões de Michel Foucault exercem um papel fundamental em seus últimos trabalhos.

OS SENTIDOS DE DISCURSO E A INTERPELAÇÃO FOUCAULTIANA

A Análise do Discurso, teoria analítica constituída a partir do entrecruzamento entre a língua, o sujeito e a história, com um atravessamento de cunho psicanalítico, foi preconizada por Michel Pêcheux no final dos anos de 1960 na França e reconfigurada posteriormente em virtude de suas reflexões sofrerem diferentes influências, em especial por meio de diálogos estabelecidos com o também filósofo francês Michel Foucault sobre história e formação discursiva.

Além da Análise do Discurso (doravante AD) ser marcada por deslocamentos e rupturas em suas bases epistemológicas, é uma disciplina ladeada por conflitos teóricos face à sua própria constituição, isto é, em virtude, principalmente, do lugar interdisciplinar que ocupa. Como se sabe, ao lançar os fundamentos nos estudos da linguagem, Saussure ([1916] 1971) elevou a Linguística ao nível científico por precisar seu objeto, ou seja, por efetuar o recorte da *langue* e permitir, por exemplo, o estudo de elementos fonológicos e morfológicos com determinado rigor metodológico, adequando-os ao paradigma dominante da ciência, isto é, aos parâmetros de base positivista. No entanto, para se tratar do discurso, faz-se necessário romper com este paradigma e adentrar em um campo que abarca a materialidade da

linguagem, materialidade esta que implica observar o indivíduo falante, o contexto, a história, a ideologia, além de uma série de “resíduos” que são considerados “moventes” e, portanto, de difícil normatização (ao menos no que concerne a esse paradigma científico).

Destarte, quando se define discurso, é preciso se distanciar do âmbito estrutural – conforme preconizado por Saussure – e contemplar elementos que escapam do sistema linguístico. Sendo assim, os conflitos (da ordem da cientificidade) existentes tanto na Linguística em geral, como na AD em particular, são recrudescidos em virtude dessa heterogeneidade constitutiva de sua própria base epistemológica. Aliás, a proposta de análise de discurso não é una. Tomemos como exemplo o próprio conceito de *discurso*, o qual pode ser concebido – e esta lista está longe de ser exaustiva –, a partir de Benveniste (que inclui o homem na língua); Bakhtin, o qual fundamenta o signo ideológico e poderia ser, em certa medida, considerado o fundador (lê-se: pioneiro) de uma certa análise de discurso; Fairclough, com uma versão de análise americana, atualmente cunhada de Análise Crítica do Discurso; Mayaffre, linguista francês contemporâneo que cunha uma análise de discurso lexicométrica; entre tantos outros estudiosos que dão mais enfoque ora ao texto, ora ao sujeito, ora ao contexto histórico. Aliás, o termo discurso já foi até tomado como sinônimo da *parole* saussuriana, conforme inúmeras traduções de Mattoso Câmara Júnior.

Dentre os estudiosos que destacam a importância da história no discurso (pois há certas vertentes de “AD” que a apagam), há Pêcheux, ainda à época de sua fundação (da AD) e em uma perspectiva de luta de classes, o qual mobiliza a ideologia no campo da leitura de textos políticos; ou mesmo Foucault, que apesar de não ser analista de discursos, deixa contribuições ímpares para a disciplina, como é o caso das noções de enunciado, arquivo e prática discursiva.

Levando em consideração as rupturas pelas quais a AD passa, Pêcheux postula, em um primeiro momento, que o discurso “não trata de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 82). Esses pontos não indicam lugares físicos concretos, mas representações imaginárias que o interlocutor faz tanto de si mesmo e do outro quanto dos lugares em que se encontram no processo discursivo. Esses diferentes lugares e representações dos sujeitos implicam deslocamentos de sentidos, pois

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual

as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Neste ínterim, o sujeito discursivo mobiliza determinadas formas linguísticas para evidenciar tomadas de posição enunciativas, “o que quer dizer que elas (as palavras) adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160). Para tal, Pêcheux se pauta na ideologia de base althusseriana fundada na luta de classes. Este é um momento em que a proposta analítica de Pêcheux ecoa uma preocupação com a análise dos textos políticos escritos de então. Assim, recorre a Louis Althusser (2001) para quem a Ideologia marxista é um ponto essencial e central. De tal sorte, para Pêcheux o discurso implica relações mais complexas, isto é, imbrica-se a fatores sociais e históricos envolvidos na enunciação. No desenrolar de suas reflexões, em especial com a publicação de *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, reitera a importância da historicidade do/no discurso na análise do enunciado *on a gagné* na comemoração da vitória presidencial de François Mitterrand em 1981 na França. A importância da análise desse enunciado, para o constructo teórico em desenvolvimento, se dá em relação aos deslocamentos operados na base epistemológica da AD, quer seja no tocante a um certo distanciamento do althusserianismo, isto é, de uma perspectiva que enfoca a luta de classes, e uma aproximação da proposta de formação discursiva ligada à noção de micropoderes foucaultiana (1984, [1969] 2005a, 2005b).

Esse deslocamento de ordem teórica, na obra de Pêcheux, se deve, principalmente, aos diálogos estabelecidos com Michel Foucault. A interlocução entre os dois se mostra mais evidente nos últimos textos de Pêcheux. Mas em que exatamente as ideias do fundador da AD são caudatárias de Foucault?

No que tange ao discurso, Foucault afirma que se trata de um conjunto de enunciados que deriva de uma mesma formação discursiva e que ele é “histórico, fragmento da história, unidade e descontinuidade na própria história” (FOUCAULT, [1969] 2005a, p.135). As palavras, segundo ele, só têm sentido dentro de certas formações discursivas, ou seja, seus sentidos se produzem em consentâneo com a formação discursiva (FD) em que se inscreverem. Assim, diferentemente da perspectiva althusseriana/marxista para quem a ideologia é exercida exclusivamente pelas classes dominantes sobre as classes dominadas, a noção de poder estende, grosso modo, a noção de ideologia; isto é, se exerce (o poder) de

modo capilar, plural, multidirecional, revelando-se, portanto, nos discursos de qualquer sujeito, e não apenas por aqueles pertencentes a uma elite, de forma descendente.

Na progênie da AD, Pêcheux acreditava que os discursos poderiam ser analisados de maneira objetiva e que as FDs poderiam se manter fechadas em si mesmas. Foucault, a seu turno, declara que uma formação discursiva é jamais “fechada em si mesma” e existe quando um número de enunciados podem ser agrupados e definidos por certo princípio de regularidade, seja ele de objetos, conceitos, tipos de enunciação ou escolhas temáticas. Essa perspectiva foucaultiana foi crucial no desenrolar da AD, pois fez com que Pêcheux repensasse os fundamentos de seu constructo teórico. Em outros termos, Pêcheux, no final dos anos de 1970 e início dos anos 1980 rompe definitivamente com o conceito de FD cunhado por ele mesmo em 1969.

Ainda sobre a interpelação foucaultiana em Pêcheux, o discurso, sob a ótica de Foucault, é definido como um conjunto de enunciados, sendo que este é “ao mesmo tempo, não visível e não oculto” (FOUCAULT, 2005a, p. 126). É não oculto, pois materializa-se sob a forma de signos efetivamente produzidos e não visível, pois, no momento de sua irrupção, não é mais o mesmo sendo “necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo” (FOUCAULT, 2005a, p. 128). Para ele: “todo discurso manifesto repousa secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não é simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais-dito’” (FOUCAULT, 2005a, p. 28). Assim, todo discurso materializa já-ditos, mas em virtude de a enunciação nunca ser a mesma, um já-dito torna-se um jamais-dito. Daí o exercício do analista de discurso em observar essa movimentação: onde, como e em que condições sociais e históricas o enunciado emerge.

Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (FOUCAULT, 2005a, p. 114)

Os sentidos longe de serem dados aprioristicamente, são moventes, pois são produzidos na e pela história. Compete ao analista, nessa perspectiva discursiva, analisar o enunciado em sua emergência histórico-social. Além disso, é um pequeno fragmento, um átomo do discurso e não se confunde com palavra ou frase; precisa de um suporte material, tem uma data e lugar e é produzido por um sujeito. O conceito de enunciado não se reduz ao signo linguístico, pois língua e enunciado não estão no mesmo patamar de existência. Ao discorrer sobre discurso, Foucault é explícito em separá-lo da língua, pois trata-se “de uma ordem própria, distinta da

materialidade da língua, [...] mas que se realiza na língua: não na ordem do *gramatical*, mas na ordem do *enunciável*” (COURTINE, 1999, p. 16). Um enunciado pode se materializado em palavras, símbolos, imagens, gráficos, organogramas, desenhos, etc., e, segundo Foucault, à língua correlacionam-se diversos fatores que produzem significações: ambiguidades, ironia, sutilezas, implícitos, opacidade, etc.; há os *não-ditos* e “de um modo ou de outro, as coisas ditas dizem bem mais [do] que elas mesmas” (2005a, p. 127).

Esses apontamentos, pautados em Foucault, e aqui brevemente bosquejados, certamente trouxeram inquietudes a Pêcheux, visto que em momento algum ele coloca sua teoria como pronta. Ao contrário, além de expor rupturas de ordem teórica e analítica no decurso de suas reflexões, percebe também as dificuldades que a AD sofreria ulteriormente, como é o caso de outras formas de materialização do discurso (por ex., por meio do não-verbal): “o paradoxo da AD encontra-se na prática indissociável da reflexão crítica que ela exerce sobre si mesma sob a pressão de duas determinações maiores: de um lado, a evolução problemática das teorias linguísticas; e de outro, as transformações no campo político-histórico” (PÊCHEUX, [1981] 2009, p. 21). Pêcheux percebe, portanto, mais precisamente entre 1981 e 1983, que o ponto crítico da AD estaria na relação conflituosa entre a materialidade da língua/linguagem e o político-histórico. Era o prelúdio do que consistia trazer o peso da história para o campo semântico: um eterno trabalho de construção de dispositivos teóricos face ao objeto sob análise.

INFLUÊNCIAS SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO

Ao propor uma teoria do discurso, Pêcheux articula língua, história e sujeito, conforme assinalamos. Todavia, o simples fato de trazer a história como forma de se analisar as relações ideológicas nos processos de enunciação já demandaria uma reflexão, para dizer no mínimo, delicada. Portanto, é uma articulação complexa e delicada. Delicada, pois fundir “língua” – advinda da vertente logicista-estruturalista – com a “história” é tentar aportar em um mesmo sítio noções pertencentes a concepções filosóficas desassociadas.

No entanto, antes de tocarmos nessas duas concepções filosóficas (logicista e idealista-histórica), apresentaremos algumas abordagens da noção de sujeito, uma vez que tal noção, sob os fundamentos da AD, não é a única existente.

Nessa via, podemos afirmar que existem, em suma, três concepções de sujeito no desenrolar das ciências humanas e sociais. A primeira concepção é a do sujeito do

Iluminismo. Nesta, o indivíduo é tido como totalmente centrado e dotado de “razão” e consciência plena. Este é tomado como o “centro” de suas decisões e discursos; um sujeito capaz de escolha e possuidor de uma internalidade reguladora em oposição ao que lhe é exterior. É um sujeito único, homogêneo em seu discurso e imutável no sentido de que possui uma identidade fixa e permanente ao longo de sua existência.

O sujeito sociológico, por sua vez, resulta do “eu real”, de um núcleo subjetivo clivado na interação com o mundo exterior. Para ter existência e ser definido como tal, o sujeito se constitui a partir do preenchimento de espaços de um mundo interior e um mundo exterior imaginários.

Por outro lado, devido às mudanças estruturais e institucionais “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, tornou-se fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12). Dessa maneira, o sujeito que possuía uma identidade única ou “individualizada” outrora, torna-se fragmentado, composto de inúmeras identidades – heterogêneo por excelência. Eis o sujeito pós-moderno. Em outros termos, o sujeito que antes era concebido como totalmente centrado, capaz de escolha face àquilo que lhe era exterior, transformou-se em um sujeito descentrado, fragmentado, cujas características se avizinham ao sujeito da AD pecheuxtiana.

Há pelo menos três pensadores que contribuíram para que a ruptura na concepção de sujeito ocorresse, ou seja, para que se compreendesse que o sujeito é formado pela exterioridade, por múltiplas vozes – sujeito desfragmentado por excelência. São eles: Marx, Freud e Saussure.

Karl Marx rompeu com a concepção de sujeito cartesiano, “nuclear”, uma vez que desloca a autonomia individual de escolha ou decisão para as estruturas sociais e as formas de organização de trabalho. Ele expurga a ideia de homem livre e capaz de determinar suas atitudes nos diversos âmbitos sociais. Segundo ele, o sujeito se submete às condições sociais, econômicas e políticas que lhe são impostas. Em seu manifesto comunista escrito juntamente com Engels, Marx critica ferozmente a burguesia e a exploração operada pelos sistemas de produção pós-revolução e defende um certo socialismo como forma de distribuição igualitária de riquezas: “o comunismo não retira a ninguém o poder de apropriar-se de sua parte dos produtos sociais, apenas suprime o poder de escravizar o trabalho de outrem por meio dessa apropriação” (2001, p. 7).

O indivíduo, segundo a concepção marxista, difere-se do sujeito iluminista – regulador diante da sociedade e dos fatores que lhe são externos –; ao contrário, o sujeito proletário se

via inserido em um sistema de coerções, submetido às imposições burguesas. Para Marx, as mudanças deveriam ocorrer externamente, no meio social, para que o indivíduo pudesse ter a oportunidade de se beneficiar delas. Algumas ideias de Marx são constitutivas da teoria do discurso não apenas no que concerne ao sujeito, como também na noção de sentido pelo fato de trazer a ideia de interpelação. Pêcheux remonta a Marx com o intuito de fundamentar que os efeitos de sentidos produzidos pelos discursos vinculam-se às posições sociais ocupadas pelos sujeitos nas relações estabelecidas na interlocução. Ademais, determinados funcionamentos linguísticos jamais conseguiriam ser explicados pela lógica-racional, como no caso das contradições dos discursos. Para Pêcheux, o sujeito se inscreve em determinadas formas discursivas uma vez que é interpelado pela ideologia. Em outros termos, é a posição social (cultural, intelectual, de trabalho, etc.) que determina o conteúdo do discurso.

Os estudos de Sigmund Freud também corroboram para “arrasar com o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada” (HALL, 2006, p. 36) uma vez que em seus experimentos Freud ([1899] 1999) demonstra que a personalidade do indivíduo é formada em relação (constante) com os outros, com o exterior. Ele explica a origem contraditória da identidade ao demonstrar que é no exterior, através dos sistemas de representação simbólicos que a personalidade é formada, por exemplo, a fase infantil pode ser marcada por sentimentos contraditórios, antagônicos, não-resolvidos e perpassam o inconsciente, *permanecendo* até a idade adulta (constituindo o sujeito). Além disso, segundo Freud, a identidade está sempre em formação. É, portanto, inacabada, pois o indivíduo está sempre em busca de completude.

Os escritos de Ferdinand de Saussure ([1916] 1971) também coadunam com a noção de descentramento do sujeito pelo fato do linguista conceber a língua como um sistema social. Suas reflexões arroladas no *Curso de Linguística Geral* levam-nos a compreender que ele retira do indivíduo a “autoria” da língua ao conceituar o signo. Demonstra, pois, que o mesmo é arbitrário e convencionalizado coletivamente, no social; portanto preexistente e exterior ao indivíduo. Outra característica do signo postulado por Saussure é o fato de o mesmo ter o caráter de imutabilidade³: “se com relação à idéia que representa, o significante aparece, como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto” (SAUSSURE, [1916] 1971, p. 85). Um indivíduo não tem autonomia

³ Paradoxalmente, o signo linguístico também possui como característica a *mutabilidade*. Todavia, essa mutação pela qual o significado passa em relação ao significante dependerá de fatores externos a um indivíduo, ou seja, da convenção coletiva. “O signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade” (SAUSSURE, 1971, p. 89).

para modificá-lo, ao contrário, as mudanças pelas quais uma língua passa dependem da sociedade, ou seja, de fatores externos ao sujeito.

Enfim, fica evidente que a noção de sujeito na perspectiva da teoria do discurso preconizada por Pêcheux é caudatária das reflexões desses três grandes pensadores cujas ideias causaram “rupturas nos discursos do conhecimento moderno” (HALL, 2006, p. 34) impactando as ciências humanas em geral, sendo impossível, portanto, pensar em AD sem remontarmos a Marx, Freud e Saussure.

Além disso, a releitura freudiana nas reflexões lacanianas “corroboram a compreensão do sujeito como descentrado, sendo que *sempre sob as palavras outras palavras são ditas*, pois o sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito” (FERNANDES, 2007, p. 40, grifo do autor).

SCHAFF E OS SUSTENTÁCULOS FILOSÓFICOS DA AD

Interpelado pelo materialismo histórico, Pêcheux se pauta nas reflexões do semanticista polonês Adam Schaff, o primeiro linguista a conciliar o marxismo e a semântica:

Assistimos agora a sua [da Semântica] reabilitação. Não só na linguística, onde o desenvolvimento das pesquisas semânticas nunca encontrou dificuldades maiores, mas também na lógica. Pois acabou acontecendo que o estudo da sintaxe lógica e da metalinguagem encontra aplicações muito práticas na construção de máquinas de traduzir, aparelhos mecânicos de memória, etc. Há ainda um outro campo de aplicação da semântica, para o qual vale a pena chamar a atenção: a teoria científica da propaganda, infelizmente negligenciada nos países socialistas. (PÊCHEUX, 1988, p. 16-17)

Pêcheux questiona as bases fundadoras da semântica e demonstra que a lógica pode até ser bem aplicada a determinados campos de pesquisa, mas que há ainda um campo negligenciado de aplicação da semântica denominado “teoria científica da propaganda” ou Retórica. Nessa discussão, Pêcheux expõe a necessidade de se observar a *função comunicativa da linguagem*, ou seja, assinala a importância do socio-histórico como concorrente dos processos de interpretação dos discursos.

Neste ínterim, as contribuições de Schaff emergem para corroborar a problemática acerca de como aspectos pragmáticos e funcionais devem ser levados em consideração quando se lida com os processos de significação. Em suas palavras: “o problema da

linguagem, um dos problemas cruciais da filosofia contemporânea foi transformado no principal e único problema; reduziu-o a seus aspectos formais, sobretudo aos de sintaxe” (SCHAFF, [1962] 1968, p. 119-120). Para ele: “a ênfase na relevância *filosófica* dessas questões apresenta enorme importância, em vista do largo diapasão dos problemas cobertos pelo termo *Semântica*”, (SCHAFF, [1962] 1968, p. 4, grifos do autor).

É justamente este o ponto catalisador da teoria do discurso pecheutiana: reconhecer a semântica como elemento nodal das contradições e como a mesma está ligada à filosofia por meio do materialismo histórico marxista.

Ora, se Pêcheux é norteado pela problemática da língua, da história e dos sujeitos, é exatamente nessa sinapse que entra o materialismo histórico e a propositura de fundar uma episteme que consiga explicar os processos semânticos não mais à luz da lógica-estrutural e isso se dá em virtude da ideologia inerente aos discursos. Portanto, ao mesmo tempo em que a língua faz parte de um sistema, ela é, também, histórica: “nessa medida e especialmente no que diz respeito à ‘Semântica’, o estruturalismo linguístico não pode deixar de desembocar em um *estruturalismo filosófico* que tenta abarcar no explicável o resíduo inexplicável” (PÊCHEUX, 1988, p. 23, grifo do autor).

Adentrar nos limites do sentido implica romper as fronteiras da perspectiva logicista, como assinalamos. Desse modo, uma análise realizada sob a ótica pecheutiana rompe com a tradição, nos estudos da linguagem, de análises puramente descritivas (análise de conteúdo, filológica, semântica formal, análise do discurso quantitativa, etc.). O que importa para a AD não é explicar simplesmente o que um texto contém ou quais e/ou quantas informações o constituem (próprio das teorias da informação), mas sim que os mesmos estão imergidos em uma história e que em uma instância de enunciação específica os enunciadores vinculam-se a formações discursivas específicas, produzindo efeitos de sentidos em um processo de interpretação socio-histórico.

Pêcheux tenta conciliar, na instauração da AD, a descrição linguística com a interpretação sociohistórica. Em outros termos, é no batimento descrição-interpretação que se processa a análise. São, portanto, exercícios que se unem a partir de bases filosóficas díspares, isto é, a partir de formas distintas de se observar o real. É o que ocorre nos campos, por um lado, da Lógica Formal, e por outro, da Retórica, descritos por Pêcheux na Introdução de sua obra de 1975. É essa dicotomia filosófica que subjaz a própria fundação da Linguística, ou seja, da Linguística que fora dicotomizada em linguística da língua e linguística da fala justamente para que a primeira pudesse se encaixar aos padrões estabelecidos pela concepção positivista–logicista, viés ainda predominante da dita cientificidade.

Outrossim, para se observar qualquer objeto ou fenômeno, há uma antiga discussão filosófica que remonta aos gregos clássicos, o da problemática da determinação objetiva *versus* a explicação subjetiva. Em outros termos, são análogas às perspectivas formalista e historicista pontuadas por Kuhn em seu célebre texto de 1962 (KUHN, [1962] 2003), o qual trata das concepções filosóficas no campo da pesquisa científica.

A primeira perspectiva, denominada realista, relaciona-se à lógica. Para defini-la, alguns termos-chave a ela relacionados podem ser bosquejados, tais como razão, determinação, demonstração, inquestionabilidade, pureza e objetividade. De acordo com Kuhn ([1962] 2003), na perspectiva formalista a ciência é entendida como uma práxis totalmente controlada e racional. Já a segunda vertente, racionalista-idealista, para se compreender os fatos e fenômenos, o pensamento se junta à realidade e o recria no imaginário. As teorias que tratam da interpretação, do pensamento, da vontade e da subjetividade se alinham a esta perspectiva. Assim, tratar da ideologia e da história é se amparar em uma perspectiva idealista em que o objeto analisado (o discurso) não pode ser interpretado isoladamente (sujeito separado do objeto), mas é compreendido/interpretado *por* sujeitos, *no* sujeito.

Por fim, para tratar a questão dos sentidos, torna-se imprescindível considerá-los em sua complexidade hermenêutica, a qual aponta para a impossibilidade de desvinculá-los do paradigma racionalista-idealista, sustentáculo filosófico da Análise do Discurso francesa. Sendo assim, é relevante retomar as considerações de Pêcheux e pontuar a impossibilidade de existir uma prática de análise em que o autor possa “quebrar o espelho da subjetividade” ou assumir uma postura em que há uma “dessubjetivação subjetiva do sujeito”. Em outros termos, seria uma tentativa realista metafísica que não se sustentaria (cf. PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 178).

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como propósito central apresentar fundamentos teóricos e filosóficos constitutivos da Análise do Discurso de vertente francesa sob a égide de Michel Pêcheux. Para isso buscamos definir, primeiramente, o conceito de discurso aqui utilizado. Em seguida, verificamos as influências teóricas sobre o conceito de sujeito, pilar essencial na formação da AD. Nesse sentido, seu conceito é caudatário do trinômio Marx – via Althusser, Freud e Saussure.

Além disso, realizamos uma breve discussão sobre a problematização da semântica na fundação da AD com vias a buscar compreender a ruptura de Pêcheux com o que predominava no quadro teórico desse campo disciplinar até as décadas de 1960 e 1970. Recorrendo a Adam Schaff, semanticista polonês, Pêcheux desenvolve sua teoria em uma perspectiva que rompe com o preceito formalista dominante na análise de sentidos dos textos de então e postula que é no discurso que os sentidos se atualizam, ou seja, o discurso é o lugar onde o linguístico e o social se encontram.

Ademais a interpelação de Michel Foucault ([1969] 2005a) é perceptível nos trabalhos de Pêcheux, em especial no que tange aos conceitos de formação discursiva, história e enunciado apresentados na *Arqueologia do Saber*.

Por fim, na busca pela inclusão do histórico-ideológico, como concorrentes dos processos de significação dos discursos, concluímos que o realismo-idealista e o materialismo histórico marxista são as bases teórico-filosóficas principais subjacentes à teoria do discurso preconizada por Michel Pêcheux.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A formação do Espírito Científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

COURTINE, Jean-Jacques. O Chapéu de Clémentis. Trad. De Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso : reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984, p. 229-249.

FOUCAULT, Michel. [1969]. *A Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005b.

FREUD, Sigmund. [1899]. *A interpretação dos sonhos*. Edição comemorativa 100 anos. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. 8. ed. Editora Imago, 1999. 614 p.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

KUHN, Thomas. [1962]. *A estrutura das revoluções científicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MARX, Karl. ENGELS. *Manifesto Comunista*. Disponível em: http://file:///site/livros_gratis/manifesto_comunista.htm. Acesso em 15/12/2008.

MENEZES, William Augusto. *Evento, jogo e virtude nas eleições para presidência do Brasil. 1994/1998*. Fale / UFMG. Tese de Doutorado, 2004.

NORMAND, Claudine. *Os termos da enunciação em Benveniste*. In: OLIVEIRA, S.L., PARLATO, E.M., RABELLO, S. (Org.) *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.

PÊCHEUX, Michel. [1975]. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcineli Orlandi *et al.* Campinas: EDUNICAMP, 1988. 317 p.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. A Análise do Discurso: Três Épocas (1983). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990. p. 311-318.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. [1983]. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. 68 p.

PÊCHEUX, Michel. [1981]. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdufScar, 2009. p. 21-26.

POSSENTI, Sírio. Sobre o discurso. *Série Estudos*. n. 6. Uberaba: Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1979.

POSSENTI, Sírio. Sobre a teoria do discurso: Um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à Linguística – Fundamentos Epistemológicos – Vol. 3*. São Paulo: Editora Cortez, 2004, p. 353-392.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. Coleção primeiros passos. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHAFF, Adam. [1962]. *Introdução à semântica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 378 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. *Curso de Linguística Geral*. Editora Cultrix, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Textos organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad. Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Editora, Cultrix, 2002.

Data de recebimento: 19/03/2015

Data de aprovação: 13/05/2015